

## UM ESTUDO COMPARATIVO DO SUBSTANTIVO EM QUATRO FASES

Marcela Martins de Melo Fraguas (UERJ)  
[marcelammelo@yahoo.com.br](mailto:marcelammelo@yahoo.com.br)

### RESUMO

Este trabalho propõe um estudo acerca do conceito de substantivo e de suas classificações com base na análise de quatro gramáticas da língua portuguesa – *Grammatica philosophica da língua portuguesa* (1871), de Jerônimo Soares Barbosa, *Grammatica secundaria e Grammatica historica da língua portugueza* (1964), de Manuel Said Ali, *Gramática normativa da língua portuguesa* (2019), de Rocha Lima, e a *Gramática do português brasileiro* (2019), de Ataliba T. de Castilho – a fim de se observar como se construiu o pensamento acerca dessa categoria gramatical segundo a visão de diferentes estudiosos e em diferentes épocas. A motivação para o estudo em questão surgiu da percepção de como as definições são apresentadas em livros didáticos de português destinados à Educação Básica. Neles, os substantivos são classificados em primitivos/derivados, simples/compostos, comuns/próprios, concretos/abstratos e coletivos. Assim, julgou-se necessária a busca de um estudo comparativo que ampliasse o entendimento sobre a origem dessas nomenclaturas e de sua descrição gramatical.

### Palavras-chave:

Gramática. Substantivo. Estudo comparativo.

### ABSTRACT

This paper proposes a study about the concept of noun and its classifications based on the analysis of four *Grammars of the Portuguese language* – *Grammatica philosophica da língua portuguesa* (1871), by Jeronimo Soares Barbosa, *Grammatica secundaria and Grammatica historica da lingua portugueza* (1964), by Manuel Said Ali, *Gramática normativa da língua portuguesa* (2019), by Rocha Lima, and the *Gramática do português brasileiro* (2019), by Ataliba T. de Castilho - in order to observe how the thinking about this grammatical category was constructed according to the view of different scholars and at different times. The motivation for the study in question came from the perception of how the definitions are presented in Portuguese textbooks for Basic Education. In them, nouns are classified into primitive/derivative, simple / compound, common / proper, concrete / abstract and collective. Thus, it was deemed necessary to seek a comparative study that would broaden the understanding of the origin of these nomenclatures and their grammatical description.

### Keywords:

Grammar. Noun. Comparative study

## 1. Introdução

Este trabalho investiga como o conceito de substantivo é descrito

em quatro diferentes gramáticas da língua portuguesa. Para tal, foram selecionadas quatro obras que correspondem a diferentes fases dos estudos gramaticais, a saber: *Grammatica philosophica da língua portuguesa* (1871), de Jeronimo Soares Barbosa, *Grammatica secundaria e Grammatica historica da língua portugueza* (1964), de Manuel Said Ali, *Gramática normativa da língua portuguesa* (2019), de Rocha Lima, e a *Gramática do português brasileiro* (2019), de Ataliba T. de Castilho.

A primeira edição da obra de Soares Barbosa foi impressa em 1822, seis anos após a morte do autor, pela tipografia da Academia de Ciências de Lisboa, da qual fez parte. Acredita-se, entretanto, que tenha sido escrita muitos anos antes de sua publicação, tendo em vista a data de 1803 no final da introdução da quarta edição e também o fato de que alguns dos pensamentos do estudioso já haviam sido divulgados em finais do século XVIII.

A *Grammatica philosophica* foi publicada, ainda no século XIX, por mais seis vezes, datando a última edição do ano de 1881<sup>31</sup>. Nela, há quatro livros: “Da orthoepia ou boa pronunção da lingua portugueza”, “Da orthographia ou boa escripturada lingua portugueza”, “Da etymologia ou partes da oração portugueza” e “Da syntaxe e construcção”. Interessante, pois, a este recorte as reflexões acerca dos substantivos, presentes no terceiro livro.

Em prólogo à primeira edição (1921) da *Grammatica historica da lingua portugueza* (1964), Manuel Said Ali expõe dedicação especial à *lexeologia*, que o fez revisitar estudos já realizados sobre a língua a fim de buscar soluções para algumas questões ainda não resolvidas, que se desdobraram na descoberta de fatos linguísticos, até então, desconhecidos por ele. Para tal, vê na psicologia terreno fértil para a investigação desses pontos obscuros, motivo pelo qual os estudos de *lexeologia* adquirem um viés semântico, observando como os vocábulos mudam de classe gramatical em virtude da mudança de sentido. A esse respeito destaca que “deixará de ser historico o estudo dos vocabulos que desprezar as alterações semanticas” (SAID ALI, 1964, p. III).

A *Gramática normativa da língua portuguesa* (2019), de Rocha Lima, foi publicada originalmente em 1957. A estrutura desta obra segue

---

<sup>31</sup> A esse respeito conferir a *Grammatica philosophica da língua portuguesa*, de Jerónimo Soares Barbosa, e as suas edições, de Sónia Coelho e Rolf Kemmeler (2017). Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/208/122>. Acesso em julho de 2019.

a clássica organização que distribui os fatos da língua da estrutura menor para a maior. Tal ordenação também foi adotada pela NGB, que teve o estudioso como membro da equipe. O substantivo aparece no primeiro capítulo dedicado aos estudos de morfologia.

No prefácio de *Nova gramática do português brasileiro* (2019), de Ataliba T. de Castilho, Rodolfo Ilari destaca que ao chamar de “gramática” uma obra que trata da língua falada do português brasileiro, o autor pretende inserir-se na tradição de estudos gramaticais, contudo, “em vez da atitude do filólogo, que consiste em fazer reviver estados passados da língua a propósito de textos, toma como objeto de estudo a língua em seu estágio atual” (CASTILHO, 2019, p. 26). Os fatos da língua são analisados tendo como amostra preferencial a conversação falada. Ataliba de Castilho explicita que busca olhar por trás das classificações na tentativa de identificar os processos criativos do português brasileiro que conduziram aos produtos listados nos manuais gramaticais e, também, que o objetivo do que chama de “boas gramáticas” é “desvelar o conhecimento linguístico armazenado na mente dos falantes, desde o cidadão analfabeto, até o escritor laureado” (CASTILHO, 2019, p. 32).

Dessa forma, cada uma dessas gramáticas foi analisada com foco no conceito de substantivo e também em suas subdivisões. Ao final, serão expostas as considerações a partir dos resultados da pesquisa.

## **2. O estudo dos substantivos – 1ª fase**

Na introdução da *Grammatica philosophica* (1871), Soares Barbosa discorre acerca de como as civilizações se expressaram de diferentes maneiras ao longo do tempo, por meio da pintura, dos hieróglifos e da escrita simbólica, em uma tentativa de tornar os traçados cada vez mais próximos das ideias tidas a respeito das coisas. Tal esforço, entretanto, configurou-se como um entrave, haja vista que todas essas formas são finitas e as ideias não. A escrita alfabética, nesse sentido, significou um avanço, visto que, a partir do entendimento dos sons de uma língua como unidades distintivas e de sua escritura, ampliaram-se as possibilidades de representação. Voltou-se o olhar, então, para a forma dessa escrita, o vocábulo, e não para sua significação em âmbito discursivo. Segundo Soares Barbosa,

[...] aquilo que os mesmos sons articulados e os vocábulos tem de logico e espiritual, como signaes que são das nossas idéas e pensamentos, foi a ultima coisa em que se cuidou. Os homens ao principio contentaram-se

com pintar aos olhos, e fixar por meio dos caracteres escriptos, os sons fugitivos que a prolação de cada palavra lhes offerecia; sem entrarem ainda na analyse miúda do discurso, para descobrirem e determinarem ao justo as diferentes classes e especies de palavras que o compunham; nem na sua combinação e ordem para poderem achar as regras da Etymologia e da Syntaxe. (BARBOSA, 1871, p. VII)<sup>32</sup>

Assim, compreende-se a maneira com a qual os livros da *grammatica philosophica da língua portuguesa* foram organizados: a Orthoepia e a Orthographia, tendo em vista a atenção inicial para a parte mecânica das línguas, e Etymologia e Syntaxe, considerando-se o que “as mesmas línguas têm de lógico e discursivo” (BARBOSA, 1871, p. IX). A respeito dos dois últimos, cabe destacar que no livro três, “Etymologia”, as palavras, vocábulos significativos tidos como expressões das ideias e do pensamento humano, são analisadas separadamente, segundo seus sentidos na interação, suas funções e propriedades, ao passo que no quarto livro, “Syntaxe”, são verificadas juntas na oração. Considerando que a descrição de uma língua atua na organização do pensamento, o sistema etimológico é, pois, um sistema lógico, visto que

[...] é o mesmo, fundamental, em todos os homens de qualquer idade e paiz que sejam. Ainda que os seus conhecimentos sejam diferentes em numero, qualidade e perfeição, todos comtudo pensam pelo mesmo modo, porque não podem pensar sem ter idéas e sem as combinar. (BARBOSA, 1871, p. 69)

Em “Etymologia”, é apresentada uma divisão geral das palavras: palavras interjectivas ou exclamativas e palavras discursivas ou analyticas. Segundo o estudioso, as primeiras, que podem ser desvinculadas do contexto da oração, devem vir antes dos nomes e de outras partes discursivas, pois, pelo fato de indicarem estados de prazer ou de dor, exprimem a primeira linguagem do ser humano.

As palavras discursivas se subdividem em palavras nominativas, que caracterizam e nomeiam as ideias, e palavras combinatórias ou conjunctivas, que as combinam entre si. Tendo em vista que tanto umas quanto as outras são de diferentes gêneros e espécies, são explicitados três critérios para estabelecer quais delas são fundamentais ao discurso. A isso, interessa serem simples e irresolúvel, se podem ser compreendidas no discurso por si só, serem indispensáveis, se todas as línguas dispuserem da mesma palavra, e a sua função, diferente da de outras partes

---

<sup>32</sup> Cabe destacar que as citações foram transcritas respeitando o modo com o qual aparecem nas obras.

do discurso e que não possa ser exercida por nenhuma delas.

Logo, os substantivos são palavras discursivas nominativas, essenciais à oração de modo que esta não exista sem eles, uma vez que, para que haja comparação, é necessário, ao menos, duas ideias. Reforça essa informação o fato de que, junto à classe dos adjetivos e à dos verbos, integram a oração sem a necessidade de relação com outras palavras, que serviriam à complementação de sentido. Além disso, são partes declináveis, variáveis em gênero, número e pessoa, na medida em que, por serem representações das ideias, relacionam-se com os objetos e pessoas que exprimem, estando sujeitos, pois, à concordância.

Destaca-se que, por traduzirem as ideias do pensamento humano, o número de substantivos é quase infinito, tendo uma quantidade de palavras muito maior que a do grupo das *conjunctivas*. A esse respeito cabe acrescentar que assumem ideias acessórias, outros significados além dos que lhes são próprios, sendo necessário o acréscimo de novas sílabas aos seus vocábulos, motivo pelo qual são maiores também em extensão comparadas às do segundo grupo.

Ao discorrer sobre o nome substantivo, Soares Barbosa (1871) o distingue da classe dos adjetivos, observando que, se as línguas fossem simples representações dos objetos da natureza, os substantivos exprimiriam sempre as substancias e os adjetivos sempre as qualidades, uma vez que os primeiros existem por si mesmo, ao passo que os segundos dependeriam deles para existir, entretanto, por serem instrumentos analíticos, devem ser analisados de todas as formas possíveis, pois a combinação de todos os modos levou à necessidade de substantivar. Para o autor, a definição de uma categoria deve levar em consideração a função que a mesma exerce “na enunciação *analytica* do pensamento”. Assim, o substantivo “é um nome que exprime qualquer coisa como subsistente por si mesma, para poder ser sujeito da oração sem dependencia de outra” (SOARES BARBOSA, 1871, p. 80).

Isto posto, são explicitadas as considerações acerca dos tipos de substantivo. De forma geral, todos os substantivos são próprios ou comuns, sendo os últimos também chamados de “*appellativos*”. Os próprios referem-se a uma só pessoa ou coisa e os apelativos exprimem uma ideia geral ou abstrata acerca de muitos indivíduos, pessoas ou coisas. Conforme a *Grammatica philosophica*, do vocabulário das línguas, apenas fazem parte os nomes apelativos, dada a impossibilidade de definição dos infindáveis nomes próprios existentes e também ao fato de terem se ori-

ginado a partir de nomes comuns. Tendo em vista que, embora próprios, são comuns a muitas pessoas, justifica-se a necessidade de individualizá-los com sobrenomes, apelidos e outras características que os especificam.

Os nomes comuns dividem-se em: “universaes e analógicos” ou “parciaes e modaes”. Os universais reúnem a noção de ajuntamento, ideias gerais comuns a muitas substâncias realmente existentes na natureza que dizem respeito a características essenciais e constantes, apelativos físicos (corpo, homem, bruto etc.), ou acidentais e variáveis, apelativos morais (rei, magistrado, sacerdote etc.).

Já os parciais reúnem uma qualidade só, porém relacionada também a muitos indivíduos, e existem apenas no entendimento, podendo ser abstratos, extraídos das substâncias (brancura, beleza etc.), ou concretos, existentes em um sujeito indeterminado, como os adjetivos substantivados por meio do artigo (o justo, o belo etc.), por exemplo, e os infinitivos impessoais dos verbos que exprimem ação ou qualidade em um sujeito qualquer (louvar, entender, ouvir etc.). Pelo fato de indicarem um conjunto de características comuns a muitos indivíduos, os substantivos universais se aproximam dos adjetivos, sendo por eles substituídos algumas vezes, como, por exemplo, homem de letras e homem letrado.

Essas seriam as funções principais e essenciais que exercem na enunciação. Como já exposto, entretanto, são palavras variáveis que passam por processos de derivação, composição, gênero e número, de modo a exprimirem ideias acessórias. Soares Barbosa (1871) salienta que algumas palavras variáveis pertencem também à classe dos adjetivos, porém as coloca dentre os substantivos por acreditar que são mais próprias a ele. Trata-se dos primitivos, os que não nascem em nossa língua, posto sua origem latina (terra, mar, pedra etc.), e dos derivados, os que nascem dos primitivos (terrestre, maresia, pedreiro etc.).

Em seguida, enfatiza que os substantivos derivam de nomes próprios ou comuns. Dos próprios surgem os “gentílicos ou nacionaes”, especificam nação ou pátria (Lisboa – lisbonense) e os “patronymicos”, adjetivos que designavam filiação (Alvares – filho de Alvaro), mas que passaram a nomes próprios de certas famílias. Já os comuns derivados são organizados em “augmentativos, diminutivos, collectivos, verbaes ou compostos”. Os aumentativos são os que, a partir de mudança em sua terminação, ampliam a significação de seus primitivos (mulher – mulheirão), ao passo que os diminutivos lhes restringem a significação (filhi-

nho, mulherinha, mulherzinha). As noções expressas pelo acréscimo de terminações estão também relacionadas ao uso, visto que o emprego de aumentativos e de diminutivos indica proporção, elogio, depreciação, carinho etc. O autor expõe que seu emprego acontece com mais frequência em situações familiares ou chulas que em situações graves ou sérias.

Os nomes “collectivos” são os que “no singular significam multidão, quer de pessoas quer de coisas” (SOARES BARBOSA, 1871, p. 84), subdividem-se em “geraes ou partitivos”. Os “geraes” podem ser indeterminados (nação, cidade, gente etc.) ou determinados (uma novena, dúzia, quarentena, milhão etc.) e os partitivos são “distributivos” (a metade, o terço, o quinto etc.) ou “proporcionaes” (dobro, tresdobro, quaduplo etc.).

Os “appellativos verbaes” são formados a partir das formas verbais primitivas e das formas infinitivas dos verbos (ar, er, ir e do), como, por exemplo, de “andar” deriva-se “andarejo” e de “andado”, “andança”. O gramático explicita acerca da terminação “-or” (amador, lenhador etc.) que há uma dúvida em relação às palavras com essa formação serem substantivos ou adjetivos.

Por fim, trata dos “appellativos derivados compostos”, os que se compõem de duas ou três palavras inteiras ou alteradas por alguma mudança, a partir de dois substantivos (“mestressala, pontapé, varapau” etc.), de um substantivo e de um adjetivo (“malfeitor” etc.), de um adjetivo e um substantivo (“altibaixo” etc.), de um verbo e um nome (“baixamar, beijamão, gyrasol” etc.), de verbo e advérbio (“passavante” etc.), de preposição e de nome (antemanhã, contratempo etc.), de dois verbos (“vaivem, ganhaperde” etc.), e os compostos por três palavras (fidalgo, malmequer” etc).

### **3. O estudo dos substantivos – 2ª fase**

Em capítulo intitulado “Os vocabulos: espécies, formas e significação”, Said Ali expõe os princípios da lexicologia. Segundo o estudioso, o termo é mais abrangente que morfologia, visto que as palavras são examinadas segundo suas características comuns, atendendo sempre a critérios de ordem semântica (se denotam seres, ações, relações etc.). Enquanto a morfologia estuda os elementos constituintes dos vocábulos, como os afixos, terminações e desinências que se combinam ao radical conferindo-lhes diversidade de formas, à lexicologia importam não ape-

nas os elementos formativos, mas os sentidos gerais das palavras. Com base nos aspectos semânticos, são distribuídas as categorias que se originam desse estudo, dentre elas a dos substantivos.

Para o autor, a definição dos nomes como as palavras que designam os seres e seus atributos é a mais acertada de toda a nomenclatura gramatical. Os substantivos inserem-se na classe dos nomes em geral, junto aos adjetivos, e se dividem, de acordo com os atributos que lhes são conferidos em abstratos e concretos. Os nomes que se referem aos seres propriamente ditos são concretos e os que a eles se referem, mas existem como se estivessem separados, como outras entidades, são abstratos. Assim, são concretos casa, mulher, jardim, homem e são abstratos alegria, tristeza, formosura etc.

Os nomes aplicáveis não somente a um ser, mas a todos os que possuem as mesmas características são chamados “communs” e diferem dos “próprios”, pois estes especificam os indivíduos, desconsiderando os traços gerais. O autor distribui os nomes comuns em de “materia ou massas” e os “collectivos”. Os primeiros sugerem substâncias sem limites definidos que não se constituem como unidades (água, ferro, vinho etc.) e os segundos são nomes que se aplicam a várias unidades em conjunto, tais como multidão, coleção, banda etc. Segundo a Gramática Secundária (1964), os colectivos podem ser partitivos (parte, metade, maioria etc.) e gerais. Na *Grammatica historica da lingua portugueza* (1964), há uma divisão dos coletivos, em “collectivo dual”, que seriam os casos mais simples, como casal e par, e em “collectivos de pluralidade”, referentes a animais, como rebanho (de ovelhas), vara (de porcos), entre outros, e, ainda, os que podem ser formados por sufixação, como boiada, por exemplo. Os novos substantivos formados por meio de terminações são chamados derivantes. Dessa forma, boiada é derivante do primitivo boi. É complementar à lexicologia o estudo da formação de palavras por meio da derivação e da composição.

Há nomes que indicam aumento ou diminuição das “dimensões, proporções ou condições usuas” (SAID ALI, 1964, p. 45), são chamados, portanto, de diminutivos e aumentativos. Estes exageram a significação dos primitivos e aqueles a atenuam. Os nomes diminutivos seriam os derivados de outros por meio de sufixos, tais como “livrinho, liçõesinha, portinhola, maleta” etc. Cabe destacar que o uso dessas formas não se restringe ao sentido literal, tamanho pequeno, mas pode, também, indicar carinho ou o tom seco e rude. Da mesma forma, o uso dos sufixos formadores de aumentativos, “casarão, paredão” etc., podem exprimir



outras ideias, como, por exemplo, portão não é necessariamente a porta grande, mas uma espécie de abertura em um muro ou grade que serve para impedir o acesso à via pública<sup>33</sup> e que pode, inclusive, ser de tamanho pequeno. A esses, Said Ali chama “augmentativos de sentido especializado”, os quais também formam diminutivos pelo uso de sufixos, como, por exemplo, “portãosinho”.

#### **4. O estudo dos substantivos – 3ª fase**

Na *Gramática normativa da língua portuguesa* (2019), de Rocha Lima, o substantivo é abordado em parte destinada aos estudos de Morfologia. Conforme o autor, “é a palavra com que nomeamos os seres em geral, e as qualidades, ações ou estados, considerados em si mesmo, independentemente dos seres com que se relacionam” (LIMA, 2019, p. 110). Com base nessa definição, são classificados em concretos e abstratos, comuns, próprios e coletivos.

Os substantivos concretos figuram no primeiro grupo e “designam seres que têm existência independente ou que o pensamento apresenta como tal”, podendo ser reais ou não, materiais ou espirituais, desde que atendam ao critério de independência. São nomes que indicam pessoas, animais, vegetais, objetos, lugares, entidades, minerais, fenômenos, instituições e concepções. Os substantivos abstratos “designam nomes de qualidades, ações ou estados – umas e outros imaginados independentemente dos seres de que provêm, ou em que se manifestam” (LIMA, 2019, p. 110).

O estudioso destaca, contudo, que os mesmos substantivos podem ser abstratos ou concretos, conforme o sentido em que são empregados: por exemplo, o substantivo *redação* é concreto na acepção de trabalho escolar e abstrato quando sugere ação de redigir. No plural, os substantivos abstratos tornam-se concretos, como a *riqueza* (abstrato) e as *riquezas* (concreto) e algumas ideias abstratas são personificadas, como, por exemplo, a palavra *morte*, representada como um personagem com foice na mão pelo imaginário coletivo (a *Morte*, com inicial maiúscula). Algumas qualidades também são personificadas, quando transformadas em

---

<sup>33</sup> Conferir HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Houaiss da língua portuguesa*. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1528.

personagens: Fama, Glória etc. À personificação de ideias abstratas, dá-se o nome de alegoria.

A respeito dos substantivos comuns, Rocha Lima destaca que expressam a espécie, ao passo que os próprios expressam um indivíduo da espécie. Dentre os comuns, destacam-se os coletivos como “uma coleção de seres, ou certas entidades coletivas” (LIMA, 2019, p. 112). Os coletivos são subdivididos em indeterminados (gerais ou partitivos) e determinados (numéricos e especiais). Os indeterminados não fazem referência à quantidade de seres da coleção: os gerais expressam um todo, como em exército, e os partitivos uma parte do todo, como em batalhão. Já os determinados se reportam à quantidade, ou à qualidade dos seres da coleção. Quando relacionados à quantidade, chamam-se numéricos (par, casal, dúzia etc.), e, quando relacionados à qualidade, classificam-se como especiais. São determinados especiais, segundo o autor, os coletivos que remetem diretamente a seu agrupamento, tais como cardume (de peixes), cáfila (de camelos), manada (de bois), entre outros. Assim, não há a necessidade de especificar a que se refere o substantivo, salvo em casos de o coletivo especial não sugerir uma significação específica, como, por exemplo, em bando que pode ser de ladrões, de aves, de ciganos, entre outros.

## **5. O estudo dos substantivos – 4ª fase**

Em *Nova gramática do português brasileiro* (2019), o substantivo é analisado como núcleo do sintagma nominal e é definido pelo autor como uma classe basicamente designadora. Ao discorrer acerca do Estado Categorial do Substantivo, Ataliba de Castilho relembra a tradição de estudos gramaticais, na qual o substantivo e o adjetivo eram os nomes e o substantivo e o verbo constituíam as categorias sintáticas de base, sem as quais não se constrói uma sentença. Além disso, expõe que substantivos e adjetivos compartilham um grande número de traços mórficos comuns.

Interessa a este trabalho as reflexões feitas pelo estudioso acerca da semântica dos substantivos, visto que nela são encontradas as subdivisões. Para isso, baseia sua argumentação na teoria da referência ou da designação de Gilles Fauconnier, segundo a qual os significados não seriam codificados nas palavras, mas, sim, “como a construção mental permanente de espaços, de elementos, de papéis, e de relações no interior desses espaços, a partir de índices gramaticais e pragmáticos” (CASTILHO,

2019, p. 462), ou seja, os significados seriam construídos ao longo do uso. Essa visão se distancia da percepção de signo de Saussure, em que a cada significante corresponde um significado. Assim, observam-se os traços semânticos inerentes às propriedades dos substantivos, chamados de “traços lexicais”.

Os substantivos podem ser contáveis ou não contáveis. Os contáveis seriam os numeráveis e, conseqüentemente, os não contáveis os que não podem ser enumerados, nem pluralizados. Assim, os substantivos criança e árvore seriam contáveis, ao passo que água, vinho e ar seriam não contáveis. Quando colocados no plural, os substantivos não contáveis alteram sua referência, visto que nova significação é assumida, por exemplo, de qualidades de uma dada substância, ótimas águas, excelentes vinhos. Cabe destacar acerca dos não contáveis que frequentemente são abstratos e que sua pluralização modifica o sentido lexical: os amores (os casos de amor), as verdades (as declarações verdadeiras).

Outra distinção é a de substantivos humanos e não humanos, com base nas restrições seletivas dos verbos. O verbo ler em: “Os alunos liam os livros.”, pressupõe, salvo com a finalidade de sentido figurado, um referente humano. Acerca dos substantivos comuns e próprios, o autor os diferencia com base no critério de denotar e conotar. Os comuns têm a capacidade de denotar e de conotar seu referente e os próprios exclusivamente de denotar.

## **6. Considerações finais**

Ao discorrer a respeito do ensino de gramática, José Borges Neto (2012) afirma que o objetivo da escola é o letramento do educando. Este seria, na visão do autor, um conhecimento essencial para a vida. A norma culta estaria no âmbito dos conhecimentos culturais, que, ainda que não sejam mobilizados na vida cotidiana, valorizam-se socialmente e contribuem para a definição em sociedade acerca de quem são os indivíduos cultos e os incultos. Por fim, os conhecimentos de gramática figurariam entre os de iniciação científica: “são aqueles que oferecem aos alunos condições para entender o mundo que os rodeia (e eventualmente nele interferir)” (BORGES NETO, 2012, p. 2). Todos esses conhecimentos devem ser prioridade da escola para que o educando possa exercer de fato seu direito à cidadania. Há uma discordância, entretanto, acerca do ensino-aprendizagem da gramática.

Borges Neto defende que a problemática consiste não no ensino de gramática, mas no lugar assumido por esse conhecimento nas aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica:

Ninguém contesta a possibilidade que o estudo da gramática nos dá de desenvolver nos alunos as habilidades de observação, de levantamento de hipóteses explicativas, de testagem e avaliação dessas hipóteses (e de hipóteses propostas por outros investigadores), de construção de sistemas explicativos etc., que são atividades próprias da iniciação científica. Ninguém contesta, também, que o desenvolvimento dessas habilidades no estudo dos fenômenos linguísticos é muito mais simples e barato do que seu desenvolvimento em custosos laboratórios de física ou de química. A língua é uma importante faceta do mundo que nos rodeia, é objeto de curiosidade por parte dos alunos, e seu estudo pode ser um ótimo local de disciplinamento intelectual. Não há, então, nenhuma razão plausível para que os estudos gramaticais sejam excluídos do ensino de português, desde que colocados em seu devido lugar e orientados para os fins adequados. (BORGES NETO, 2012, p. 3)

Em seguida, conclui que já se estuda gramática na escola, porém em uma perspectiva que chama de “gramática tradicional naturalizada”. Entende-se por naturalização “o processo de tomar como objeto uma teoria” (2012, p. 5). Assim, os conhecimentos acerca de noções como a de substantivo, por exemplo, deixam de ser entidades teóricas e passam a objeto de ensino.

Dentre os resultados desta investigação, alguns conhecimentos podem ser explicitados. Em todas as gramáticas analisadas, o substantivo é a primeira classe gramatical descrita e há um consenso de que seja a base da oração. Conforme exposto, figura na *Grammatica philosophica da língua portuguesa* (1871), de Jerônimo Barbosa Soares, no terceiro livro intitulado “Etymologia”. Já na *Gramática secundária* (1964), de Said Ali, aparece nos estudos de lexicologia. Para este autor, o termo “etymologia” só pode ser entendido em sentido restrito, tendo em vista que “se estende a investigação das significações primitivas e a origem de qualquer vocábulo existente em uma língua” (SAID ALI, 1964, p. 7).

Segundo Ataliba de Castilho, o substantivo é uma categoria sintática de base, inclusive sua tradução latina, do grego, “hypokéimenon” é justamente “o que está debaixo, na base”, razão pela qual, segundo os gramáticos gregos, o texto não pode ser construído sem ele. Essa noção aproxima-se do que foi exposto por Barbosa Soares (1871) em relação à essencialidade dessa categoria gramatical. Na tradição gramatical, o substantivo era designado por nome e nos estudos modernos é núcleo do sintagma nominal. Assim como os gramáticos tradicionais, Ataliba de

Castilho destaca a proximidade entre substantivos e adjetivos que compartilham os mesmos traços em sua morfologia. Destaca-se o caso três apresentado pelo autor em que “ambos apresentam casos de homonímia” (CASTILHO, 2019, p. 455), figurando nos dicionários ora como um ora como outro.

Ressalta-se, porém, que Soares Barbosa (1871) indica o adjetivo como parte *nominativa*, porém distinta do substantivo, enfatizando que a língua dispõe de espécies de palavras diferentes para cada categoria:

Porque a idéa que faz o sujeito da proposição não pôde deixar de ser uma idéa de coisa que subsista per si, ou na natureza ou no nosso modo de conceber. Pelo contrario, a idéa que faz o attribulo da proposição, necessariamente ha de ser uma idéa de qualidade ou coisa que o valha, e que per si não pôde subsistir, mas necessita de um sujeito em quem exista. (SOARES BARBOSA, 1871, p. 75)

Nas gramáticas de Said Ali (1964) e de Rocha Lima (2019), os processos de derivação e de composição, que forma novas palavras, são abordados em seção intitulada “Formação de palavras”. Em Rocha Lima (2019), no entanto, as palavras derivadas e as compostas não figuram como categorias específicas de substantivos, assim como em Barbosa Soares (1971) e Said Ali (1964). Os compostos aparecem no capítulo dedicado ao substantivo na descrição da formação de plural, e o acréscimo de sufixos, a fim de gerar o aumentativo e o diminutivo, nos comentários acerca do grau do substantivo.

Em Rocha Lima (2019), a derivação, no caso da formação de aumentativos e de diminutivos sintéticos, também está relacionada aos efeitos de sentido, podendo encerrar a ideia de carinho ou uma forma pejorativa, como, por exemplo, em *livreco*, *casebre* etc. O gramático ainda destaca que alguns aumentativos e diminutivos são meramente formais, não encerrando, portanto, a ideia de aumento ou diminuição (*portão*, *cartilha*, *papelão* etc.). O mesmo foi exposto por Said Ali (1964) ao discorrer sobre os argumentativos de sentido especializado.

Confrontando a definição dos substantivos e suas subdivisões, conforme aparecem nos programas e manuais destinados à Educação Básica com a análise aqui apresentada, que considerou reflexões de gramáticos em diferentes momentos históricos, desde o século XIX até os dias de hoje, fica evidente que a escola trata como “verdade absoluta” aquilo que não é consenso nem entre os especialistas da língua, reforçando o estereótipo de que falantes de português não são capazes de aprender português.

Também os professores de Língua Portuguesa acabam por aco-  
modar-se a esse ensino que não vê o conhecimento gramatical como ci-  
entífico. Assim, o objetivo desta comparação entre as gramáticas foi o de  
investigar a definição de substantivo, a fim de entender como se chegou  
às classificações acerca dessa classe nos dias de hoje. Em alguns momen-  
tos, percebe-se que as noções ora se aproximam ora se distanciam e que  
não é sem motivo que os textos canônicos são tidos como tradição gra-  
matical, visto que as reflexões modernas ampliaram os sentidos possíveis  
do que já havia sido estudado. Como conhecimento científico, os estudos  
gramaticais tiveram (e têm) continuidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES NETO, José. Conferência proferida no VI ELFE, Maceió, 12  
de novembro de 2012. *Algumas observações sobre o ensino de  
gramática*. Disponível em [https://docs.ufpr.br/~borges/diversos/publica  
coes.html](https://docs.ufpr.br/~borges/diversos/publica<br/>coes.html). Acesso em julho de 2019.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed.  
São Paulo: Contexto, 2019.

COELHO, Sônia; KEMMELER, Rolf. A Grammatica philosophica da  
língua portuguesa de Jerónimo Soares Barbosa e as suas edições. *Conflu-  
ência Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, n. 53, 2º  
semestre de 2017.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Antônio  
Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Houaiss de  
Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed.  
Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portu-  
guesa*. 55. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

SAID ALI, Manuel. *Gramática secundária e gramática histórica da lín-  
gua portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SOARES, Jeronimo Barbosa. *Grammatica philosophica da língua portu-  
guesa*. 5. ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1871. Dis-  
ponível em <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6903>. Acesso em  
julho de 2019.